DO PATHOS DE APRENDER A ENSINAR E ENSINAR A APRENDER

Jucelaine Christmann

Palavras-chave: Pathos. Formação. Autonomia.

Quem pretende iniciar o trabalho docente, além de ter uma disposição para tal, precisa ter bem claro o que e como espera exercitar o trabalho de educador. Esse ensaio pretende, a partir da figura de Sócrates e de algumas concepções do educador Paulo Freire sobre formação e autonomia do ser, tecer algumas reflexões acerca da docência de Filosofia no Ensino Médio. Segundo Platão, o pathos, certa disposição da alma, leva à admiração e a admiração está no início da filosofia e do filosofar. É certo tipo de pathos que move Sócrates a indagar e tirar da zona de conforto seus interlocutores que, inseridos no senso comum, não apresentam uma postura reflexiva sobre as coisas. Essa experiência acontece no íntimo de quem começa a filosofar com o auxílio de Sócrates; pode também ser despertada pelo professor no educando com a filosofia. O ser humano, enquanto ser inconcluso, está sempre em formação. Segundo Freire, “formar” vai além do simplesmente “treinar” o educando de modo a apurar suas destrezas. Formar requer uma postura ética e crítica por estar no mundo, com a consciência de que, enquanto sujeito social e histórico, tanto educador quanto educando são autores de transformações, e como tais precisam entender o processo e o contexto da sociedade em que estão inseridos. No processo de ensino-aprendizagem educador e educando ensinam e aprendem conjuntamente. Não há de um lado um sujeito que detém o conhecimento e de outro um objeto que recebe passivamente esse conhecimento. O desafio do professor de filosofia é despertar no educando esse sentimento (pathos) de querer aprender e questionar. Assim como Sócrates, que com seus questionamentos atacava as certezas absolutas e conduzia seus interlocutores a novos pensamentos, o professor que duvida de suas próprias certezas consegue desenvolver em seus educandos esse mesmo espírito crítico. O professor como alguém apaixonado – alguém que possui o pathos de ensinar e aprender – pelo que ensina e para quem ensina é também um professor que acredita nas potencialidades de seus alunos e, por isso mesmo, não desiste deles. Nós como professores de filosofia, devemos persuadir, provocar e despertar em nossos alunos o senso crítico, uma vez que os conteúdos filosóficos ajudam a direcionar escolhas e o jeito de estar no mundo, de cada um, indivíduo que pensa e age. A precariedade da educação brasileira, a não valorização do trabalho e da figura do professor nem dos alunos, causa grande desestímulo nestes. Isso tudo fica mais evidente durante a prática docente, quando as teorias entram em choque com a realidade da sala de aula e do universo escolar. Entretanto, a educação enquanto possibilitadora de mudança e transformação, deve ser tratada como prioridade. É papel dos educadores ousar transformar suas aulas em favor da autonomia e da formação dos seus educandos. O professor que tem a consciência da importância e da beleza de sua atividade, cria inspiração a cada dia pois sabe que ensinar vale a pena.

Referências:

ENGLER, M.R. Tò thaumázein: a experiência de maravilhamento e o princípio da filosofia em Platão. 2011. 244 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 36ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAEGER, W. Paideia: a formação do homem grego; trad. Arthur M. Parreira. 6ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

PLATÃO. Defesa de Sócrates; trad. Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1987. Coleção Os Pensadores.

PLATÃO. Teeteto; trad. Carlos Alberto Nunes. Versão digitalizada. Disponível em <www.cfh.ufsc.br/~wfil/teeteto.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2013.